

LUCIANA CRISTINA LYRA VÉO  
MARIANA HUE SOUTO MAIOR

**SISTEMATIZANDO A PRÁTICA DO CENTRO INTEGRADO DE ARTES TABLADO**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Infantil: perspectiva de trabalho em creches e pré-escolas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do Grau de especialista.

Orientadora: Rita Ribes

Rio de Janeiro  
2003

Dedicamos este trabalho às crianças, que nos fazem refletir a cada dia sobre o sentido e o significado da Educação e em especial ao Centro Integrado de Artes Tablado, nossa “Escolinha” pela autonomia e liberdade que nos foi dispensada durante todos estes anos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a pessoas muito especiais: nossos pais, nossos irmãos, primas, pelo amor, carinho, apoio material e compreensão.

Agradecemos a Rita Ribes, que contribuiu com seus saberes teóricos e práticos mostrando-se sempre muito solícita.

Agradecemos também a equipe do Centro Integrado de Artes Tablado, pela relação que pudemos estabelecer. O profissionalismo, a ajuda mútua e a amizade foram marcas de um trabalho sério, que envolveu pessoas que acreditam na Educação como um espaço de construção coletiva e discussão permanente em busca de relações mais humanizadoras e crítica. A essas pessoas nosso muito obrigada.

## SUMARIO

1. Introdução.....	5
2. Um pouco da história da Escolinha.....	7
3. Cotidiano atual.....	12
4. Alfabetização.....	14
5. Artes plásticas na Escolinha.....	18
6. Brincadeiras e Teatro.....	22
7. Formação de professores.....	25
8. Conclusão.....	30
9. Bibliografia.....	32

## 1. Introdução

Este trabalho foi realizado com o intuito de diagnosticar uma prática que já existia há muitos anos na instituição em questão, o Centro Integrado de Artes Tablado (Escolinha).

Através de nossos estudos e leituras, vimos à relevância em sistematizar teoricamente uma prática que perdura há mais de 40 anos. Ao longo dos nossos anos de trabalho nessa instituição sentimos falta de algo que nos ligasse filosoficamente a ela. Sentíamos falta de uma identidade definida, não sabíamos em que baseava a nossa prática que acontecia “naturalmente” há muitos anos.

Para matar a sede de nossas inquietações, procuramos um respaldo teórico no curso de especialização de Educação Infantil da PUC. E foi aí que nós entramos em contato com diferentes teorias e percebemos que muito da nossa prática já existia nos livros.

Pensamos então em estratégias para conseguir da melhor forma possível o diagnóstico das práticas da Escolinha. Fizemos reuniões semanais com alguns professores, coordenação e a direção da escola onde procuramos resgatar os pontos relevantes da nossa prática, que pudessem retratar a filosofia da Escolinha. Encontramos então 4 pontos fundamentais onde nos detemos e achamos que era importante serem desdobrados, foram eles, alfabetização, artes plásticas, teatro e brincadeiras e a equipe de professores.

Achamos que uma boa estratégia seria resgatar a história da Escolinha. Através do levantamento histórico dos fatos poderíamos conhecer as motivações iniciais, como as fundadoras da instituição pensavam na época, o que elas procuravam, que tipo de filosofia era seguida ou até criada. Descobrimos como tudo começou, qual era o contexto histórico, que famílias buscavam o tipo de serviço oferecido e quais eram as atividades mais oferecidas e que ainda fazem parte do cotidiano da Escolinha.

Num segundo momento nos focamos em relatar o cotidiano atual da instituição. O espaço físico, número de crianças, professores por turma, formas e divulgação do trabalho ocorrido no dia a dia. Através dessa análise pudemos perceber quais aspectos se mantiveram e o que ainda resta da prática e da teoria daquela época, e o principal, queríamos retratar como a escola funciona hoje em dia, em todos os seus aspectos, qualidades e defeitos.

Um ponto que decidimos dar maior ênfase foi à alfabetização. Esta foi uma prática recente e diferencial em relação às outras escolas. Tendo seu início na Escolinha há 8 anos, e começou através da ação e da experiência dos professores. Decidimos nos aprofundar neste assunto e encontramos vários teóricos que respaldavam a nossa prática e que muito contribuíram para o desdobramento e sistematização da mesma. Até então, nada havia sido

escrito com relação ao processo de alfabetização da Escolinha e temos certeza de que nossa contribuição será muito importante para reestruturação da mesma.

Com o resgate da história da Escolinha vimos que as atividades plásticas marcam a sua origem e que estas perduram até os dias de hoje. Assim como o teatro e as brincadeiras. Desde que começamos a trabalhar nesta Instituição, tivemos a recomendação de que se trabalha muito com artes plásticas, várias técnicas foram passadas para nós. A rotina diária se baseava em distribuir ao longo das 4 horas de trabalho, atividades que contemplassem as artes plásticas, com diferentes técnicas e abundância de materiais (tudo ao alcance para manuseio das crianças), também brincadeiras dirigidas e livres, e o uso do palco para brincadeiras com teatros e histórias. Por isso e pelo resgate da história da escola constatamos como pontos fundamentais o trabalho desenvolvido nessas áreas.

Como a questão da seleção dos professores é outro aspecto diferencial nesta escola, achamos por bem escrever um pouco sobre como se dá esse processo e quais são as características fundamentais para que um professor seja contratado. Qual é o diferencial deste profissional, quem é a pessoa que procura a Escolinha para trabalhar, um pouco de suas histórias e formação acadêmica. E assim encerramos o último ponto de destaque da nossa pesquisa

## 2. Um pouco da história da Escolinha

Na Escolinha, temos a preocupação em valorizar a individualidade e a história de cada um. Baseado nisso, sempre que uma criança faz aniversário, contamos para ela e para seus amigos um pedacinho da sua história: como ela nasceu, cresceu e tornou-se a criança que é hoje.

E é assim que iremos fazer com a história do nascimento do Centro Integrado de Artes Tablado: Era uma vez duas irmãs e uma amiga. Tinham se conhecido no Bandeirantismo lá pelos anos 40. Como bandeirantes, viajaram, acamparam, trabalharam em diversas obras sociais. Chefiam companhias de “Fadinhas” no Patronato Operário da Gávea, instituição beneficente que atendia à população carente da região.

Mais tarde Maria Clara Machado, que também tinha sido uma bandeirante, fundou, junto ao Patronato, o teatro Tablado. Em meados da década de 60, Viroca, Aracy e Vera se uniram e fizeram um clube, onde as crianças brincavam com artes plásticas nas instalações do Patronato e de teatro no palco do Tablado. No início, essas crianças eram quase todas filhos de amigos e filhas de bandeirantes. O clube funcionava como um curso livre no final da tarde. Viroca, Aracy e Vera procuravam proporcionar às crianças muito do que haviam vivido e aprendido no Bandeirantismo, sem o rigor que ele exigia na época. Através das artes, buscavam uma educação que incluía criatividade, independência, espírito de liderança, trabalho em equipe, solidariedade e muito prazer. O clube contrastava também com o rigor das escolas de então. As crianças tinham acesso a vários tipos de material plástico (couro cobre, argila, gesso, tintas e técnicas diversas, etc...) subiam no palco, baú de fantasias... As primeiras peças encenadas no mesmo lugar onde assistiam maravilhadas nos finais de semana “Pluft” e o “Cavalinho Azul”. No pátio, muita roda, bola, corda, pique e ensaios de “Bumba meu Boi” e de quadrilha.

Já as brincadeiras no pátio, foram introduzidas como “válvula de escape”, mas aos poucos o papel da brincadeira como forte instrumento socializador foi sendo enfatizado na prática do clube e da Escolinha. E os passeios... quantos passeios! À Teresópolis, Petrópolis, Alto da Boa Vista, Paquetá, Vassouras e onde quer que alguém acenasse com uma casa com bastante espaço. Tudo era feito com muita alegria e brincadeira.

É importante ressaltar o aspecto inovador da proposta do clube, pois este representava para seus alunos um espaço de grande liberdade de expressão: plástica, dramática e pessoal, uma vez que os adultos que ali atuavam, mostravam-se muito mais “abertos” do que os professores das escolas tradicionais de então.

Na década de 70, construíram o terceiro andar, agora o clube tinha suas próprias instalações (antes disso, as atividades aconteciam no próprio Teatro Tablado, nas salas e pátio do Patronato Operário da Gávea). E surgiu uma pequena turma de crianças de 3 anos de idade, no período da tarde. O clube virava a Escolinha, que logo cresceu e passou a funcionar em dois turnos (manhã e tarde). Muitos dos alunos do clube voltaram para fazer parte da Escolinha: como equipe ou como pais.

A visão de educação durante os anos 70 e 80, na Escolinha, identificava-se bastante com as propostas da Escola Nova e sua visão romântica de Educação: a valorização dos interesses e necessidades da criança, o desenvolvimento natural, o caráter lúdico das atividades infantis, a prioridade dada ao processo de aprendizagem em oposição à valorização do conteúdo dado pela escola tradicional, identificando seu papel como socializador e lúdico. Acreditava que o contato com diversos materiais plásticos, com fantasias e maquiagens, com brincadeiras prazerosas, com passeios ao ar livre, possibilitaria a expressão livre e o desenvolvimento natural, em oposição ao trabalho dirigido das escolas formais.

A Escolinha nunca assumiu nenhuma postura teórica como norteadora de sua visão de educação, definindo sua prática como a do “bom – senso”. O desconhecimento em relação a posturas teóricas e ao ensino formal era, portanto, características fortes da Escolinha até poucos anos atrás (e, em certos aspectos, ainda o são até hoje).

Durante todos esses anos, a Escolinha continuou apostando na importância e no prazer de brincar, pois se acreditava que este era o melhor caminho para a educação.

A Escolinha era uma grande escola de artes, dividida em 4 turmas, onde o que se fazia na prática era brincar, contar histórias, cantar, fazer teatro e principalmente, pintar, colar, desenhar, mexer com tinta, massinha, argila e sucata.

Havia a preocupação em se ter uma grade de horários para que não fosse esquecida nenhuma atividade ou técnica de artes. Os professores tinham a preocupação em variar as atividades de um dia para o outro. Cada um tinha autonomia para modificar as atividades planejadas de acordo com suas necessidades e de sua turma. Para isso, a criatividade era um aspecto de extrema relevância na personalidade dos professores.

A rotina era bem estabelecida com a devida distribuição dessas atividades. Até aí, a Escolinha, pode-se dizer, era como uma grande turma agrupada. Cada um tinha a sua sala, mas a interação e as atividades em conjunto eram muito constantes.

O trabalho com projetos surge nesta época, com a finalidade de enriquecer a rotina. No momento ele atingia a escola como um todo. Através do trabalho de pesquisa, direcionava-se as atividades pensando nas idades. Sem a preocupação de ensinar o



conteúdo. Porém com a consciência de que a criança apreende, cada uma do seu jeito, os conhecimentos que lhe são transmitidos.

Nos anos 80, a Escolinha era freqüentada em sua maioria, pela elite econômica do Rio de Janeiro. Muitas mães ainda não trabalhavam fora e o horário das crianças no espaço sempre foi mais flexível. O objetivo das mães em colocar seus filhos na escola era simplesmente lazer e prazer para eles e para elas. A escola funcionava como uma grande oficina onde as propostas estavam expostas e as crianças tinham a liberdade de escolher o que gostariam de fazer.

As portas estavam sempre abertas para os pais e estão até hoje. Temos casos de pais e mães que compareciam a escola no meio do dia para lanche com seus filhos apenas porque sentiram saudade.

A partir do segundo semestre do ano de 1996, houve uma mudança bem drástica em relação às questões pedagógicas. A Escolinha decidiu encarar o desafio da alfabetização. Foi através de um curso externo, que as coordenadoras resolveram que poderiam e que tinham potencial e condições de alfabetizar. Uma vez que passaram a acreditar que a alfabetização não se dá exclusivamente na turma de 6 anos.

Além desse motivo pedagógico, perceberam também que o término da escola na turma 4, não fazia sentido estrutural, pois a Educação Infantil engloba crianças de 0 a 6 anos. Dessa forma, a Escolinha não estava caracterizada como tal. Decidiu-se então que iriam aumentar mais duas turmas e que as crianças sairiam alfabetizadas para primeira série do ensino fundamental.

A fundamentação teórica e a crença de que tudo ia dar certo veio das teorias de Piaget, Emília Ferreiro e Vygotsky. Alguns professores, principalmente os que trabalhavam com as turmas mais velhas (5 e 6) tiveram alguns encontros; onde se buscou transmitir um embasamento e uma luz para a prática dos professores. Então se contratou uma “consultora”. Foi ela quem disse como deveríamos agir dali para frente.

Desde aí, o trabalho foi acontecendo e dando bons resultados. Já se vão 8 anos e é claro que não seguimos à risca tudo que nos foi ensinado. Como tudo que acontece na Escolinha, desde sua origem; a prática acontece muito instintivamente e com muito bom senso.

Cada professor, em seu ano, com sua turma foi aprimorando as formas de trabalhar. Ora aproveitando práticas que deram bons resultados, ora descartando o que deu errado e principalmente usando sua criatividade e experiência para transformar tudo em novo. A nossa prática está sempre em transformação, apesar de não se conversar ou trocar idéias sobre isso.

Com o aumento da idade das crianças, além da maior quantidade delas, devido ao aumento de 2 turmas, a interação de toda a escola foi um pouco alterada. A diferença entre as idades aumentou, gerando um conflito espacial – físico. E, pelo fato de a escola ser pequena, não tínhamos como manter muitas turmas juntas em um mesmo espaço. A correria dos mais velhos (5 e 6 anos) não era “bem vinda” para aquelas em que se encontram ainda na fase do tatear, e principalmente para os professores destes que se vêem em muitos momentos de tensão, devido a possíveis trombadas.

A prática interna também mudou. Passamos a ter reuniões com a coordenação. Planejar, fazer diários de aulas, reuniões de pais e encontros com a equipe passou a fazer parte das atividades dos professores.

Essas reuniões com pais passaram a existir devido à falta de tempo em que eles se encontravam. Uma vez que a Escolinha sempre esteve de portas abertas para recebê-los. Nota-se muito facilmente esta grande mudança em relação à presença da família na escola. Primeiramente a reunião ocorreu de uma maneira mais formal, com todos os pais da escola, mas aos poucos a frequência foi diminuindo devido aos compromissos da vida e do trabalho. Com isso a Escolinha passou a promover encontros mais sociais, até para que os pais não perdessem contato uns com os outros. Esses encontros vão desde “happy hours” até viagens para fazenda da dona da escola.

Como a Escolinha sempre foi um espaço muito freqüentado pelos pais, não havia muita necessidade de reuniões pedagógicas. Os casos em que achávamos necessários, eram resolvidos de maneira bastante informal. Um encontro repentino com o pai ou a mãe na escola poderia virar uma reunião para resolver alguns problemas que por ventura estivessem ocorrendo.

Porém, a partir de 1996, com a introdução de mais uma turma (a turma 6 - alfabetização) e uma maior formalização da “educação” por turmas, houve a necessidade de transmitir para os pais o que acontecia na escola. Até mesmo porque esses já não tinham mais tempo para as antigas visitas surpresas durante o dia, onde podiam saber de tudo.

Com isso, as cobranças em relação à escola ficaram maiores e então o trabalho interno tinha que ser exposto de alguma forma. As saídas encontradas foram retomar as reuniões de pais. Só que com o tempo elas foram novamente perdendo o quorum, principalmente nas turmas mais velhas. Então passamos a promover duas grandes exposições por semestre onde o trabalho da escola como um todo pode ser visto por todos, dando uma idéia do trabalho que ocorre na Escolinha desde a turma 1, até a turma 6.

Essa exposição fez também com que o professor e as crianças se preparassem e se preocupassem para mostrar algo de muita qualidade para a escola toda. As atividades e os

trabalhos diários são também bastante programados em função disso, pois é um dia em que toda escola e convidados terão acesso ao trabalho da turma. Podendo perceber o processo de construção das crianças, enfim da escola como um todo.

Além do que, a Escolinha é hoje uma escola. Com turmas estruturadas, divididas por faixa etária, com professores responsáveis por determinados grupos de alunos, e com preocupações curriculares e pedagógicas. Mas ela não tem na sua origem o objetivo de se tornar uma escola formal, muito pelo contrário, ela surge como válvula de escape para as crianças que estudavam em escolas tradicionais e que iam para lá ter outro tipo de experiência. Um contato livre com o Brincar, com as Artes Plásticas e com o Teatro.

---

No momento estamos vivendo novamente um processo de mudança. Através do curso de especialização, nós estamos conseguindo ter fundamentos e força para resgatarmos o que era bom e ficou para trás. Estamos “limpando” e esclarecendo todas as questões. Aos poucos, estamos conseguindo modificar algumas coisas e principalmente estamos conquistando aliados.

Acreditamos que está sendo mais um ano de mudanças na Escolinha e que a partir daqui tudo pode acontecer para melhor. Temos consciência de que todos nós temos muito a fazer e que vai dar um grande trabalho, não só prático, mas principalmente subjetivo e individual.

Percebemos também que nesses últimos anos, a escola vem criando uma equipe sólida, com interesses comuns. A maioria dos professores da equipe trabalha na escola desde 96, ou antes, o que mostra que “vestem a camisa” e lutam por uma educação do prazer, da autonomia e principalmente da capacidade de criação.

### 3. Cotidiano atual

A Escolinha fica localizada no Jardim Botânico, sua sede encontra-se no 3º andar do prédio do Patronato Operário da Gávea. Atualmente tem em média 80 alunos distribuídos em 6 turmas e 2 turnos. No turno da manhã (8:00h às 12:00h), contamos com uma turma de aproximadamente 10 crianças com idades entre 1 ano e meio e 3 anos. Já no turno da tarde (13:00h às 17:00h), contamos com 6 turmas onde as crianças são distribuídas de acordo com a faixa etária. A Turma 1 (4 crianças – 1 professor) e a Turma 2 (18 crianças – 1 professor) têm como “sala” o pátio da escola. As turmas dividem duas auxiliares. A Turma 3 (13 crianças – 2 professores) trabalha em um salão onde também fica localizado o palco, a coxia e dois banheiros. A Turma 4 (13 crianças – 2 professores) tem sua própria sala, assim como a Turma 5 (11 crianças – 2 professores) e a Turma 6 (3 crianças – 1 professor).

O espaço físico da Escolinha ajuda muito para que ocorra uma grande interação de todos, professores e crianças. Por se tratar de um andar inteiro, onde todas as salas estão no mesmo plano, ainda temos um grande pátio e um palco também de livre acesso para todos. As crianças podem se locomover sem obstáculos como escadas ou becos.

Isso faz com que cada criança possa “escolher” onde quer ficar, com quem quer brincar e o que vai fazer. As interações não ficam restritas ao espaço da sala de aula, os professores e as crianças da turma. Existe uma “liberdade” de ação. Isso torna as crianças muito autônomas e responsáveis em suas decisões e atitudes.

Isso faz com que atualmente, a Escolinha se diferencie das demais escolas, justamente nos aspectos em que a fez ser procurada na década de 70. Que era o contato livre com o brincar, com as artes plásticas e o teatro. O ponto forte de sua origem é hoje a cara e a identidade da Escolinha.

A Escola como um todo tem em sua prática o trabalho com projetos que é diferente para as turmas “pequenas” (1,2 e 3) e para as turmas “grandes” (4 5 e 6). As turmas de menor idade não têm tanta preocupação com a transmissão de conteúdos. Estes variam de acordo com a própria demanda das crianças dessas faixas etárias. Através das análises de relatórios e da nossa experiência, percebe-se que os temas não mudam muito. Na maioria das vezes, são temas que fazem parte do cotidiano real da criança desta faixa etária. Como por exemplo, transportes, bichos, cores, contos de fadas tradicionais, família...

Já nas turmas mais velhas, também não há grande preocupação com que a criança aprenda o conteúdo, a “matéria”, porém isso acontece uma vez que a demanda de interesses é bem maior. A criança trás para escola informações e interesses específicos da sua cultura familiar, além da social mais abrangente. Isso faz com que os projetos variem

mais de turma para turma e de ano para ano. Esses projetos trazem mais conteúdos da ordem do cultural histórico e não só do concreto real como acontece mais nas turmas menores.

Pensando no nosso cotidiano, na nossa prática, percebemos que a brincadeira e o teatro, enfim as produções culturais brasileiras são muito valorizadas na escola e isso tudo tem a ver com sua história na origem.

A questão do bandeirantismo, que se tratava da “busca da brasilidade”, do teatro Tablado e da tradição cultural da própria família Fernandes (donas da Escolinha) fez com que o tipo de prática pedagógica fosse também muito estimulada pelo folclore brasileiro, pelas brincadeiras de quintal, cantigas de roda, muito teatro, muita arte, tinta e papel.

Alguns pontos fortes da Escolinha foram um pouco esquecidos, como o teatro e a música. Pelo menos nas turmas mais velhas. O enfoque foi modificado e a falta de experiência no formal fez com que não soubéssemos como articular as práticas “antigas” com as novas. O que falta agora é trocar opiniões, as críticas e os elogios, sistematizar, fundamentar, para que todos, possam tomar conhecimento do trabalho, da história e da filosofia da escola.

Por ser uma escola pequena e por termos um contato constante com todas as crianças, sabemos os nomes de todas e temos a oportunidade enriquecedora de observar não só os nossos alunos, mas também todas as crianças da escola. Seria uma ótima prática trocarmos informações com os outros professores. Pois cada um tem um olhar diferenciado para cada criança, ajudando e aconselhando as nossas ações. Algumas vezes, um professor consegue detectar algo que a pessoa que está tão próxima e lidando no dia a dia não consegue.

É papel da escola ser transmissora do que a cultura trás de melhor em termos qualitativos tanto no resgate quanto no contexto atual. É na escola também que se transmite a criticidade e que se atribui valores as coisas.

Há liberdade de expressão, de opinião e autonomia nas escolhas da vida. Para isso devemos apresentar o que há de melhor no contexto cultural. Já que através da mídia, a criança já tem um contato aleatório com qualquer e todo tipo de produção cultural.

Cabe também a escola a ajudar a criança a construir com autonomia uma atitude e opinião crítica frente ao social, ao que lhe é apresentado indiscriminadamente pela cultura do lixo e do consumo.

#### **4. Alfabetização**

Começou-se a falar em alfabetização na Escolinha no segundo semestre de 1996. Até então, nossas crianças saíam da escola com 5 anos para, então, se alfabetizarem em outra escola.

Percebeu-se, através do contato com a teoria construtivista e as concepções de Emília Ferreiro, que as crianças já começavam o processo do letramento desde muito pequenas e por isso, decidiu-se que a Escolinha ia aceitar um novo desafio: a alfabetização.

A primeira parte desse processo foi identificar a filosofia da escola nas teorias de Educação, e foi aí que percebemos que nossa prática estava baseada nas Teorias Construtivista e Sócio – Interacionista.

A partir disso, ganhou-se força e coragem para se dar continuidade ao trabalho. Para isso, havia outro desafio a ser enfrentado pela escola, aumentar duas turmas em um espaço físico um pouco limitado. Alguns ajustes foram feitos e no final, tudo deu certo!

Na época (1996), Emília Ferreiro (2001) nos mostrou que antes da criança compreender o nosso sistema alfabético, ela passa por uma série de passos ordenados que se caracterizam por esquemas conceituais específicos.”Felizmente, as crianças de todas as épocas e de todos os países ignoram esta restrição. Nunca esperam completar 6 anos e ter uma professora à sua frente para começarem a aprender. Desde que nascem são construtoras de conhecimento”.(Ferreiro, 2001, p. 42/43).

Nessa ocasião, a coordenação e alguns professores estudaram um pouco da teoria e se inteiraram de algumas práticas que já aconteciam em algumas outras escolas.

Como tudo na Escolinha, partimos para ação. Naquele ano, muitas brincadeiras envolvendo letras e nomes foram criadas. Jogos da memória, bingos de letras, ditados sem cobranças, cópias, o abecedário entrou na sala e ganhou lugar de destaque na parede onde antes só havia desenhos e pinturas. Todos aprenderam a escrever seus nomes e a identificar o nome de seus amigos.

A mudança para escola foi bem forte. Porém, o espírito da brincadeira continuou, só que ganhou novos elementos.

Sempre tivemos em mente a preocupação de transmitir para as crianças os usos sociais da escrita. Ou seja, fazer uso dela no cotidiano da escola sempre ressaltando sua importância na construção da sociedade em que vivemos.

Temos consciência de que nossas crianças já têm o contato com produções de escrita em diversos níveis e tipos e com isso já puderam construir e formular suas hipóteses a respeito dessa escrita.”... as atividades de interpretação e de produção de escrita

começaram antes da escolarização, como parte da atividade própria da atividade pré – escolar (...) A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”.(Ferreiro, 2001, p.42/43).

Partimos como base desse princípio, tentando sempre incentivar nas crianças suas demonstrações desse conhecimento. Não estabelecemos práticas que ordenem a construção do conhecimento, entendemos que este ocorre em diversas direções, em idas e vindas, e se desenvolve no dia a dia de cada um desde o nascimento.

Segundo Magda Soares, no livro “A magia da linguagem”, a criança vai formulando suas hipóteses e percebendo as regularidades da escrita atuando “com” e “sobre” essa linguagem. Sempre submetendo suas idéias à prova. A partir dessa concepção, o processo com o qual a escola vai lidar orienta-se por um caminho bastante diferenciado. Ou seja, “os ‘erros’ são considerados ‘construtivos’”. Eles revelam as hipóteses com as quais cada criança está lidando e também qual o processo de construção de escrita dessa criança.

A prática ensinou muito aos professores. Fomos aprendendo a lidar com a alfabetização das crianças dia após dia. Íamos solucionando os problemas à medida que iam aparecendo. Ao mesmo tempo em que estudávamos e trocávamos conhecimentos de toda teoria de Emília Ferreiro, pudemos ver na prática suas demonstrações. As etapas pré – silábica, silábica, silábica – alfabética e finalmente a alfabética iam surgindo e se transformando bem diante dos nossos olhos.

Através de erros e acertos, cada professor foi lidando com sua turma de forma muito particular. Até hoje, foram cinco turmas de alfabetização e em cada uma pudemos ver questões ora semelhantes ora bastante diferenciadas e individuais em cada criança.

Através da história da escrita, mostrando seu uso da pré – história até os dias de hoje tentamos mostrar, antes de qualquer coisa, sua importância social e suas diferentes formas de utilização através dos tempos.

Um processo já começado por iniciativa das crianças na turma 4 (é onde percebemos o nascimento do interesse das crianças pelo mundo escrito) é continuado na turma 5 e 6. Não estruturamos aulas de apresentação de palavras seguindo um grau de dificuldade. Ao contrário, tudo é apresentado as crianças de maneira bastante “natural”. Trabalhamos em cima de textos espontâneos. Esses são produzidos pelas crianças incentivados por algum tema, projeto ou trabalho que esteja sendo desenvolvido. “... as concepções psicogenéticas e psicolinguística sobre a aquisição da escrita geraram as atividades de ‘escrita espontânea’; o pressuposto é que não é preciso esperar que a criança tenha aprendido a escrever para que escreva, mas que é escrevendo que ela aprenderá a

escrever: escrevendo espontaneamente, experimentando soluções para as grafias de que necessita”.(Soares, 2001, p.55).

Procuramos sempre utilizar diferentes tipos e formatos de textos: jornais, revistas, quadrinhos, poesia, letras de música, enciclopédias, textos informativos, contos, fábulas, trava línguas, cartas, bilhetes e até textos tirados da internet. “O conhecimento dessa forma diferente de produzir linguagem, que é a escrita, nascerá e se desenvolverá progressivamente, fruto tanto da familiaridade, da intimidade com a língua escrita que os livros, os jornais, as revistas podem proporcionar, quanto das situações de aprendizagem nas quais os alunos produzem diferentes tipos de texto”.(Cavalcanti, 1997, p. 5).

Desde o início da alfabetização na Escolinha o projeto das últimas turmas tem sido: “A evolução da escrita na história da humanidade”. Esse tema foi escolhido justamente por mostrar a importância e os usos que se fazem e fizeram da escrita desde que se fez o primeiro desenho nas cavernas. Começamos na Pré-história, depois vem Egito, Grécia e Roma, Idade Média, Renascimento, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Esse trabalho é enriquecido com muitas atividades e reproduções de escrita da época. E é através das tentativas espontâneas que as crianças vão aos poucos dando conta da ortografia correta das palavras. Sempre mediadas pelos professores. “No entanto, o alfabetizando precisa ser conduzido, como se disse na introdução deste texto, à regulamentação que a ortografia impõe ao uso dos símbolos, exigência da natureza social de um sistema de escrita de base alfabética”.(Soares, 2001, p. 57).

Ao longo desse período, a aquisição, pelos professores, de conhecimentos teóricos foi se tornando essencial. Através de seus estudos e práticas individualizados, cada professor foi buscando e construindo sua forma de trabalho, mas sempre respeitando o tempo, a individualidade e o ritmo da criança, dessa forma desenvolvendo as potencialidades de cada criança.

Segundo Emília Ferreiro, no livro Reflexões sobre a Alfabetização, o papel do professor e da escola é criar condições para que as crianças descubram a leitura e a escrita por si mesmas.

“Na verdade, não há paradoxo entre atividades de escrita espontânea e a aprendizagem do sistema ortográfico; ao contrário, como já disse anteriormente, são as atividades de escrita espontânea que permitirão à professora levar a criança à apropriação das normas, regras e convenções da escrita: é só pela análise dos textos espontâneos produzidos pela criança que a professora poderá identificar em que estágio do processo de apropriação do sistema ela se encontra, interpretar as hipóteses com que está operando, selecionar e organizar dados, decidindo quais os aspectos que devem ser trabalhados no estágio em que a criança se encontra, explicitar para a criança as suas hipóteses, levá-



la a confrontá-las com as convenções e regras do sistema, e a partir disso conduzi-la à escrita ortográfica”.(Soares, 2001, p.67).

É por isso também que a cada ano, o processo se modifica. Tanto por causa dos alunos como por causa dos professores. Na Escolinha o professor tem autonomia e competência para conduzir seu trabalho na direção que achar mais apropriada. Para que isso ocorra com sucesso acreditamos que a relação do professor com a criança deve ser de muito afeto e que só através desse sentimento o trabalho se conduzirá apropriadamente e da melhor maneira possível. Através dessa relação, muito bem estabelecida, o professor poderá conduzir sua prática diária e seu planejamento de acordo com a sua turma específica naquele ano.

Nossas observações, ao longo desses anos, têm mostrado que cada criança vai ter ou não dificuldade em coisas diferentes. Isso vai variar de acordo com sua experiência pessoal relacionada à leitura e escrita.

Acreditamos que qualquer sistematização relacionada a dificuldades de escrita e relações fonema – grafema, parte de uma concepção do adulto já alfabetizado e, portanto este pensamento se torna uma concepção com a qual não estamos lidando em sala de aula. “Para um aluno principiante, escrever ou ler qualquer coisa é sempre muito difícil. Somente quem conhece o funcionamento de todo o sistema pode hierarquizar o que, para si, é mais fácil ou não”.(Cagliari, 1998, p.139).

É através de observações e diagnósticos individualizados de cada criança, que traçamos nossos planos, nossas estratégias e nossa prática em sala de aula.

Através da nossa prática, a criança tem consciência de que a escrita e a leitura fazem parte de um saber social e que ela é participante na construção desse conhecimento.

## 5. Artes plásticas na Escolinha

“O espaço da educação infantil é rico em experiências que promovem o fazer artístico, no sentido de ser valorizado enquanto criação. Não deve ser utilizado só para realizar trabalhos em datas comemorativas ou técnicas de desenho. A arte precisa dar prazer em fazer”.

Ivanise Meyer

Ao resgatar um pouco da história da Escolinha voltamos para os anos 60 e vimos que as atividades plásticas, assim como o teatro já estava presentes no cotidiano daquela época. Através de algumas perguntas informais com uma das fundadoras e ainda diretora da Escolinha - Edelvira Gomes Fernandes (Viroca) pudemos perceber que a vivência no bandeirantismo proporcionou uma vasta experiência, inclusive na área de habilidades manuais e atividades artísticas.

Na época do bandeirantismo, as crianças eram incentivadas a fazer atividades relacionadas à culinária, materiais plásticos, técnicas de acampamento, sinais de pista, tear, comunicação, habilidades manuais, etc. Estas não tinham uma parte teórica que embasassem a sua prática. Tudo era aprendido pela ação.

Aos poucos as jovens bandeirantes foram saindo do grupo e ingressando no mercado de trabalho. Assim foi acontecendo o fim do bandeirantismo. A idéia de dar continuidade ao trabalho e propiciar a outras crianças aquelas atividades foram dadas por uma amiga.

Neste momento o “clube” é aberto no prédio do Patronato Operário da Gávea, onde também já havia sido fundado o teatro Tablado. Maria Clara Machado (que era uma das amigas da Viroca), foi a grande incentivadora para a abertura deste espaço. No “clube” as crianças teriam atividades que não encontravam no currículo das escolas tradicionais daquela época. As atividades plásticas faziam parte deste planejamento, pois havia uma grande influência de amigas artistas e também porque acreditavam que era mais uma forma de incentivar a criatividade.

Durante a conversa com a Viroca, ela mencionou que além da influência cultural de sua família e da prática com o bandeirantismo, ela tinha uma amiga francesa que era ceramista e que muito ajudou. E além da amizade, a própria Viroca também trabalhava no atelier, trazendo em sua bagagem mais uma experiência relacionada ao material plástico. Mesmo tendo toda essa história de aprendizagem acharam a necessidade de contratar uma pessoa que ensinasse outras técnicas. Pois queriam trabalhar com diversas oficinas no “clube”.

No contexto histórico em que o “clube” surgiu percebe-se que estas atividades contrastavam com o rigor que era imposto pelas escolas tradicionais da época, e que as pessoas procuravam estas atividades como um lazer para seus filhos.

É importante ressaltar que inicialmente quem procurava este tipo de atividade eram basicamente os amigos das fundadoras (Viroca e Aracy) e principalmente pessoas de uma classe econômica muito alta. Eram pessoas que valorizavam esse tipo de conhecimento.

Durante a entrevista questionamos o fato de não se falar muito nos artistas e nas suas obras, tanto na prática relacionada ao “clube” quanto a nossa até os dias de hoje. E a resposta que tivemos foi que ela (Viroca), assim como as demais amigas que trabalhavam no clube tinham a oportunidade de encontrar com grandes artistas das diversas áreas na casa de Aníbal Machado, pai de Maria Clara Machado. Segundo o depoimento da fundadora, as pessoas naquela época tinham muito mais tempo de se freqüentarem, e assim tinham a ótima oportunidade de ir ao encontro das celebridades.

As brincadeiras com materiais plásticos variavam de acordo com a demanda de interesse das crianças. Funcionavam em oficinas que utilizavam tinta, cola, argila, couro, tecidos, carvão, sucata, etc... Nenhuma destas tinha o intuito de padronizar esteticamente as atividades. O belo não era o estereótipo imposto pela mídia e sim o que era criado por aquela criança e principalmente a capacidade de criar algo que estava com vontade sem interferências de um adulto. O respeito pelo processo de criação e pela individualidade de cada criança é uma característica que ainda conservamos até os dias de hoje. Nós, professores da Escolinha acreditamos naquelas crianças e a nossa interferência é “exclusivamente” com a intenção de incentivá-las a novas descobertas.

Com o passar do tempo o “clube” passa a ser procurado por demais amigos, só que desta vez as crianças eram de menor idade (2 anos). Surge então a primeira turma. As atividades continuavam sendo pautadas na liberdade de escolha e de expressão das crianças, como continua sendo até os dias de hoje. Tendo como princípio à exploração das possibilidades criativas e expressivas.

Pensando nisso, fomos buscar como se dava o cotidiano da Escolinha (antes de entrarmos lá). Nos encontramos com professores que estão na Escolinha a mais de 8 anos. Descobrimos que fundamentavam as suas atividades diárias pela diversidade de técnicas plásticas e estas eram intercaladas com outras, como teatro, histórias, brincadeiras, etc, que falaremos mais profundamente a diante. Com o passar dos anos a experiência vivida por estes professores levou a procura de algo que enriquecesse mais a sua prática. Então começamos a procurar pequenos projetos que estivessem no interesse da turma. “O tema, baseado nas sugestões dos próprios alunos e no projeto pedagógico desenvolvido na

escola, serve como motivador ou desbloqueador da produção do grupo ou indivíduo”.(Spzpigel, 1995, p. 38).

Baseado nos projetos algumas atividades plásticas passaram a ser pensadas naquele conteúdo a ser trabalhado. Não com intuito de “passar a matéria”, mas sim com a preocupação de estar falando de algo que faz parte do universo cultural daquela criança. Procuramos então explorá-los em termos visuais, trazendo nos trabalhos realizados pelas crianças imagens e informações destes conhecimentos.

Explorar o material plástico e tê-lo ao alcance de todos é um dos principais requisitos de todas as turmas. Apesar de percebermos que esta prática está sendo deixada um pouco de lado, devido à dificuldade e a inexperiência dos professores que de 7 anos para cá passaram a se preocupar também com os conteúdos científicos que as outras escolas cobrarão das crianças que sairão já para uma primeira série do ensino fundamental.

Para propor esta idéia de uma forma mais livre, com mais autonomia, arrumamos o espaço físico da sala procurando facilitar as atividades, contribuindo assim com o processo de criação-aprendizagem. “Abrindo espaço para a criança ou o adolescente optar pelo material ou pela técnica a ser utilizada, o educador oferece condições para que, ao se relacionar com materiais plásticos, o aluno não só conheça e explore a potencialidade inerente ao material, mas também descubra sua maneira própria de com eles trabalhar e criar”.(Lopes apud Kramer, 1998, p.94)

Sabemos que as atividades plásticas resolvem ou promovem a resolução de vários lados psicológicos, mas é muito raro ver algum professor montando uma atividade pensando que naquela hora a criança estará liberando as suas tensões, ou que usou determinada cor porque esta estava representando o momento em que ela está passando em sua vida.

Com certeza pensa-se muito mais no prazer e na oportunidade da criança estar lidando com aquele material, e estar manuseando-o junto de pessoas que são os seus “mundos” (universo de referências). Os seus amigos e seus professores. Nessa fase a criança está vivendo um processo de funções simbólicas, a linguagem verbal e escrita é algo que está sempre sendo apresentada para elas. Precisamos então como educadores oferecer experiências através da arte, (que é o nosso ponto forte) ampliando outras formas deste mundo de simbolismos.

Tentar fundamentar a arte na Escolinha é uma tarefa extremamente difícil. Pois lidamos principalmente com o prazer, com as possibilidades de exploração do material plástico, com o que achamos bonito, com a produção individual e coletiva. Acho que é até mais fácil mudar o nome do que fazemos para não cairmos nos estereótipos de arte como obras artísticas.

Para nós da Escolinha as atividades plásticas são mais uma ferramenta de trabalho. Onde podemos tê-la a disposição sempre. Trabalhando a capacidade de criação, usando a imaginação e descobrindo possibilidades. Podendo dar novos significados para as coisas. Poder perceber um simples objeto em branco se transformar em uma nova forma de linguagem, ou até mesmo vê-lo continuar branco porque naquela hora não desejamos que ele se transforme em nada.

Pensar em que função desempenha a nossa arte é dar a oportunidade para criança construir a sua maçã laranja, construir pessoas sem olhos e orelhas, é brincar de criar personagens de contos como o “chapeuzinho verde”. Enfim a nossa arte é um processo complementar do desenvolvimento da vida de todos.

“A diversificação de propostas que explorem os diferentes tipos de linguagem visuais – desenho, pintura, escultura, gravura, colagem, vídeo etc. – permite que o aluno explore e conheça as características próprias de cada uma delas. Essa ação não se reduz ao ensino de uma técnica, mas procura incentivar a pesquisa nas diferentes linguagens. Descobrir suas preferências, explorar resultados não-convencionais, misturar técnicas, comparar resultados, todos esses encaminhamentos podem ser encorajadores da pesquisa plástica”.(Lopes apud Kramer, 1998, p.96)

Procuramos expor os trabalhos nas paredes da sala como uma forma de registrar o que estamos trabalhando no momento, passar informações a pessoas que não estão dentro daquele espaço para ouvir tudo o que foi falado e também como uma forma de decorarmos a nossa sala. Esta é a forma de linguagem que encontramos para ser a comunicação entre turmas, professores, pais e amigos.

Quando se faz um trabalho coletivo, nós também estamos preocupados com a comunicação das crianças, com as regras para que o trabalho em grupo dê certo e principalmente pelas combinações que acontecem entre as crianças. É uma forma lúdica de passar a realidade de uma sociedade em que nos encontramos inseridos, onde todos têm regras e funções a seguir.

Além de a questão social ser muito importante, outro ponto a ser abordado, é perceber que entre um grupo de pessoas cada um tem a sua especificidade. Mesmo nas propostas grupais, seja ela com sucata, tinta, colagem, etc. Cada traço irá trazer uma marca pessoal, e esta marca será sempre respeitada.

O que fazemos na Escolinha é principalmente o fato de **não** manter a arte como mais uma imposição de valores e modelos. Acreditamos que as atividades implicam em uma expressão pessoal de valores, sentimentos e significações. “... a educação em arte pela arte tem o importante papel na democratização do conhecimento e da condição humana. Amplia

as possibilidades de acesso ao conhecimento e de leitura do mundo ao explorar diferentes formas de expressão de linguagens não verbais. As diferentes linguagens artísticas e expressivas apresentam-se como campo aberto de criação e de compreensão da história e da trajetória humana...” (Barbosa, 1978, p. 53)

Enfim, cremos no potencial de criação de cada criança e respeitamos a individualidade de todas elas. Pois acreditamos que cada pessoa será capaz de buscar uma forma de expressão individual que traduza o seu jeito de ser.

## 6. Brincadeiras e Teatro

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem de sua liberdade de criação. As brincadeiras servem de elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior, e por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa ou compartilhada”.

D. W. Winnicot

Na Escolinha, procuramos proporcionar um grande espaço de tempo para a realização de brincadeiras espontâneas. Acreditamos que dessa forma as crianças se integrarão mais livremente, e se organizarão socialmente da maneira que desejarem.

Tentamos na maioria das vezes equilibrar brincadeiras “dirigidas” (ou seja, com a participação de um adulto) com espontâneas, que são aquelas onde as crianças criam as atividades.

Sempre que há a participação de um adulto, é com a intenção de proporcionar novidades. Trazendo à tona uma tradição de “brincadeiras de quintal” (“Lenço atrás”, “Gato e Rato”, “Mamãe posso ir?”, “Meus Pintinhos”, “Batatinha Frita”, “Barra manteiga”, “Pular corda e elástico”, etc...) as quais as crianças dificilmente terão acesso em outro local senão a escola. Além disso, é notório que a presença dos adultos, faz com que as regras sejam mais facilmente trabalhadas e aceitas.

É importante que as regras sejam muito trabalhadas dentro da instituição escolar porque é onde a criança irá ter o seu primeiro contato com pessoas de fora de seu contexto familiar. Sendo assim ela é “obrigada” a conviver em grupo, e esta realidade trás numa esfera menor o que a sociedade representa de uma forma geral. Ou seja, as relações entre os indivíduos são pautadas em cima de regras sócio-culturais que entremeiam a vida em sociedade. Para Vygotsky (1987), “o principal elemento da atividade criadora está nas relações sociais, pois são elas que vivificam e alimentam a constituição da arte”.

Nós sabemos que a criança expressa suas fantasias do mundo real através da brincadeira de faz de conta. E é por isso que nós damos muito valor as atividades que permitam esse tipo de expressão. As brincadeiras de faz de conta, que ocorrem no cotidiano são onde as crianças conseguem simbolizar questões do mundo adulto e trazer através de outra linguagem suas expectativas e dúvidas a respeito deste mundo.

Observamos que todos os dias acontecem brincadeiras onde as crianças se transformam em personagens do mundo adulto (mãe, médico, professores, empregados, etc...) e representam de maneira bem particular tudo que percebem a sua volta. Sabemos

que dessa forma ela está internalizando e trabalhando essas questões/relações e se aprimorando de forma lúdica a realidade em que está inserida. Com certeza, a criança está utilizando uma forma própria, através da sua imaginação, de utilizar uma outra forma de linguagem. É óbvio que para brincar ela terá que se comunicar de alguma forma. E esta brincadeira lhe fará tomar decisões. Implicitamente as regras já irão começando a serem trabalhadas. Algumas vezes chegam até a ser negociadas pelo grupo. “Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo”. (Dornelles apud Craidy, 2001, p.104)

Na história da Escolinha e sua ligação direta com o teatro Tablado, temos fortes manifestações que valorizam e reafirmam esse tipo de prática. Hoje em dia contamos com um grande espaço físico livre, onde as crianças podem se movimentar e criar suas histórias. Dentro deste espaço existe um palco, onde a maioria das brincadeiras de teatro são realizadas. E uma coxia com fantasias onde diariamente a maioria das crianças vai compor o seu personagem com seus respectivos adereços. A partir daí tudo vira imaginação, criatividade e fantasia. As crianças mudam de nome e se relacionam de uma maneira diferente. Criam suas brincadeiras, conversam com diferentes tons de voz, até que o fim do dia chega, e a brincadeira de faz de conta não pode acabar, fazendo com que muitas crianças continuem com a fantasia e até mesmo a levem para suas casas. E algumas vezes parece que elas nem trocaram sua roupa, pois retornam no dia seguinte para a escola novamente caracterizada.

Segundo Vygotsky (1987), a imaginação pode ser interpretada como sendo a “base de toda a atividade criadora, manifesta-se por igual em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica”. Ou seja, tudo que produzimos é uma criação da nossa imaginação. Os atos são formas de concretizar o que fantasiemos.

Em tempo gostaríamos de deixar claro que encaramos como teatro, toda e qualquer forma de manifestação do imaginário/fantasia da criança, desde as simples falas reproduzidas (como “espelho, espelho meu...”), aos teatros de fantoches, as brincadeiras de faz de conta, até as peças com papéis definidos. Onde construímos juntos o cenário, as roupas, acessórios, etc. O teatro e a brincadeira não são de forma alguma atividades de apenas preenchimento de tempo. Nós professores estamos sempre com a preocupação de propiciar/induzir as brincadeiras.

Brincar com o teatro para nós é um ato de prazer, e que implicitamente nos ajuda a resolver possíveis “problemas” internos. Os papéis, os espaços, a timidez, o trabalho em



grupo, tudo isso faz com que as crianças aprendam a superar os seus limites e principalmente aprendam a trabalhar em conjunto. Ouvindo e respeitando a todos que fazem parte do seu mundo “social”.

É na infância, que surgem à necessidade da linguagem, pois é através desta que o homem irá apropriar-se de uma cultura, e principalmente irá se constituir. Pensar no teatro como um conhecimento apenas cultural, é para nós uma redução e uma descaracterização do que acreditamos a partir dele. Este “instrumento” valioso que utilizamos é a nossa forma de integração e de participação das crianças. Tanto os que realizam quanto às crianças que estão assistindo, fazem parte de um meio social.

A imaginação da criança retrata, todas as imagens associadas a desejos, pulsões internas, e se organiza graças aos processos fundamentais que regulam o jogo relacional. As produções desse imaginário variam segundo o contexto no qual eclodem e, na situação pedagógica da escola, segundo a pessoa do professor.

Ao mesmo tempo em que a criança descobre o mundo exterior e nele exerce uma ação, sua imaginação se desenvolve. Pela atividade, a criança se confronta com os outros, com o real, ao fazer descobertas, ao sentir alegrias e dores, a viver apegos e conflitos. Ela encontra algumas respostas a perguntas internas. Tomam consciência de suas possibilidades de ação, de sus limites. Mas enigmas persistem, são esses que nos levam a procurar, imaginar, sonhar, e isso tendo como motor à vontade de conhecer, como também à vontade de dominar temores, angústias, ou então de expressar emoções.

Desenhar ou narrar um fato são formas de ação de domínio sobre a emoção, modelando o nosso próprio ideal. Pelo imaginário a criança encontra vínculos entre o mundo e ela, interioriza significados. Toda pessoa tem necessidade de ter, ao lado do mundo real, o das trocas sociais, o das investigações positivas, uma área de ilusões, um espaço interno que faz a transição entre consciente e inconsciente, entre o mundo das idéias e o dos afetos.

A criança deve conseguir alimentar seu imaginário e expressá-lo. O imaginário se cultiva. Admirar-se, maravilhar-se é espontâneo na criança pequena. Ela se identifica com o herói e capta significados segundo seus interesses e necessidades do momento, troca de identidade de acordo com os problemas que tem que enfrentar.

Alimentar o imaginário da criança é desenvolver a função simbólica por meio de textos, de imagens e de sons. A criança expressa o seu imaginário primeiro pelo jogo, pelo gesto, pelo corpo, antes de usar o desenho, a pintura, a narração. Desde cedo, a criança encena com o objeto simbólico que é a boneca, por exemplo, ela se envolve na situação, projeta seus estados afetivos, faz carinhos ou dá broncas. Adota papéis sociais que são

pontos de referência, pais, professoras, médicos, etc. Assim a angústia passa a ficar sob controle depois de ser transformada, pois a criança não pode fazer realmente o que ela gostaria de fazer, então ela imagina.

## 7. Formação de professores

“O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a ‘paixão de conhecer’ que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil”.

Paulo Freire

Como já dissemos em capítulos anteriores, a Escolinha tem em sua história um pensamento que busca a livre expressão das crianças, trazendo uma nova relação entre “mestre e aprendiz”. Na década de 60, o “clube” existiu justamente para que essas crianças, que o freqüentavam, pudesse ter um novo “espaço educacional” que contrastasse com as escolas tradicionais que freqüentavam em um outro momento do dia. Era um curso livre, extra curricular.

Desde sua origem, a gestão da Escolinha tem sido familiar. Desta forma, muitos integrantes da família dos criadores da Escolinha trabalharam e outros continuam trabalhando até hoje. Muitos professores têm sido amigos da família, e é assim que quase todos começam a trabalhar lá.

O fato da Escolinha, até hoje, não ser uma instituição educacional legalizada, e ainda ter como registro a categoria de Curso Livre, permite a não obrigatoriedade de contratação de professores, pedagogos para trabalhar como “professores”. Esses são contratados como “recreadores”, e mais recentemente como “Instrutores”, apesar de desenvolver todas as atividades de um professor e ainda ter as responsabilidades desse cargo.

Sempre foi assim, os critérios básicos de seleção de um novo professor exigiam que esse fosse jovem, disposto, que gostasse de brincar com crianças e que tivesse sido indicado por alguém.

A partir de 1996, devido ao início do trabalho com alfabetização, algumas preocupações começaram a surgir. Desde aí, começou-se a querer legalizar a Escolinha como uma Instituição de educação Infantil. Na Constituição de 1988, reconheceu-se a educação voltada para crianças de 0 a 6 anos como a primeira etapa do ensino básico. Daí também surgiram as primeiras discussões a respeito da formação dos profissionais que atuavam em creches e pré-escolas.

Na proposta do Referencial Pedagógico-Curricular, recomenda-se que a formação apropriada para professores seja mínima em nível médio ou universitário para os atuantes

em educação Infantil e as primeiras séries do Ensino Fundamental. Maria Evelyn Nascimento (Faria, 2003, p. 108), questiona-se sobre a contemplação da qualidade dessa formação. Será que garantindo esses níveis de instrução, podemos afirmar que o professor estará preparado para o trato diário com crianças tão pequenas?

Na Educação Infantil, lidamos o tempo todo com questões, não só educacionais (este aspecto foi reconhecido recentemente), mas também assistenciais, de cuidados. É o binômio educar e cuidar. Dessa forma, não é somente a formação acadêmica que é relevante nesse segmento. Outras questões e perfis devem ser levados em consideração. Mas o que fazer com quem trabalha há anos com crianças pequenas e não tem nem o mínimo currículo exigido? Viram-se necessárias formas regulares de formação e especialização para os professores em serviço, "... por intermédio de uma diretriz política que tenha seu eixo calcado na formação permanente para os profissionais que estão em serviço, aliada a uma política que articule, em médio prazo, a formação com a carreira, e que seja desenvolvida através de atividades que têm periodicidade e que estão organizadas num projeto mais amplo de qualificação, com o avanço progressivo de escolaridade para aqueles que necessitam".(Kramer apud Faria, 2003, p.109).

Ou seja, a formação continuada dos professores passa a ser assunto permanente em documentos oficiais do MEC. Todos indicam que deve haver uma intensificação nas ações voltadas para a formação, tornando-se "prioridade o investimento, em curto prazo, na criação de cursos emergenciais, sem prejuízo da qualidade, destinados aos profissionais não habilitados que atuam nas creches e pré-escolas".(Brasil/MEC, 1994, p.109).

Na Escolinha não foi diferente, a preocupação com a formação dos professores veio à tona, e todos os que ainda não freqüentavam, foram incentivados a ingressar em alguma universidade. Pois, citando a LDB, "a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena em universidades e institutos superiores de educação, admitida à formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal" [art. 62].(Faria, 2003, p. 110/ 111).

O que podemos perceber, é que o compromisso com a educação está sendo cada vez mais exigido, tanto no meio interno da escola, como no meio externo, no mundo.

A maioria da equipe de professores que está na Escolinha hoje, já está desde 1996, ou antes. Alguns outros, até passaram por lá ao longo desses anos, mas não ficaram, cada um por um motivo diferente.

Essa equipe de hoje conta com dez educadores. Três deles, possuem nível superior, duas em pedagogia e uma em psicologia. Uma tem como formação o antigo curso normal.

Quatro estão cursando o nível superior em diversas áreas. Uma “professora” tem o ensino médio completo e outra o possui incompleto. Desta forma, percebemos mais uma vez que a formação acadêmica não é critério seletivo para o trabalho na Escolinha.

Cada um desses professores entrou na Escolinha para trabalhar de uma forma diferente. Ou conhecia a família, ou é ex-aluno, ou é amigo de outro professor e foi indicado por ele. O fato, é que nenhum foi selecionado por análise de currículo.

Sabemos também que ainda temos entre os professores, pessoas que estão de passagem nessa profissão, ou seja, ficarão trabalhando ali até se formar e poder fazer o que escolheram como carreira. Outros, já entraram com o único objetivo de arrumar um emprego e acabaram se encontrando e escolhendo o trabalho com educação como profissão, e outros ainda, entraram na Escolinha com o intuito de concretizar na prática seus estudos em pedagogia. Já tivemos também muitas professoras que se formaram e saíram da Escolinha em busca de trabalho em outra escola (à procura de melhores salários).

O que queremos dizer com isso tudo é que esta forma de ser traz aspectos positivos e negativos. Os negativos são que nem sempre há uma consciência do valor educacional do trabalho que esse professor exerce. Quando se estuda Educação percebe-se o valor desse profissional e o compromisso com seu trabalho começa a ser inevitável, pois “... a formação pessoal e profissional do professor prossegue ao longo de sua carreira”.(Paiva, 2003, p.47).

Como nem todos na Escolinha tem essa área como objeto de seus estudos, apenas de seu trabalho prático, suas reflexões, vão se tornando empobrecidas, pois só se analisa, aspectos da rotina do dia a dia. A leitura de teóricos, a troca de informações com outros profissionais e de outras instituições, torna a reflexão mais rica e vasta. As trocas com toda equipe são primordiais e muito enriquecedoras para o trabalho da escola como um todo.

Apesar de termos consciência do que seria de fato bom para a melhoria do trabalho, ainda temos dificuldade para organizar encontros de equipe para trocas internas e para encontros de formação continuada em serviço. As dificuldades são muitas, os horários não coincidem e infelizmente o esforço para mudança desse quadro é bem pequeno.

“É importante destacar que se entende formação continuada como um processo complexo e multideterminado, que ganha materialidade em múltiplos espaços/atividades, não se restringindo a cursos e/ou treinamentos, e que favorece a apropriação de conhecimentos, estimula a busca de outros saberes e introduz uma fecunda inquietação contínua com o já conhecido, motivando viver à docência em toda a sua imponderabilidade, surpresa, criação e dialética com o novo”.(Bruno, 2003, p. 28/29)

O salário é muito baixo (por razões que não pretendemos explicitar nesse trabalho), o fato é que todos tanto os professores, como as coordenadoras e diretoras da escola, têm consciência disso. Desta forma, os professores não se sentem com o dever de participar de encontros extras, pois não foram contratados para isso. E a coordenação, por sua vez, não se sente no direito de cobrar mais esta tarefa dos professores, pois não fazem parte do planejamento contratual. "... os professores da educação básica também deveriam ser contratados (e evidentemente, remunerados) para uma jornada de trabalho na qual teriam de atuar na docência (aulas), em atividades pedagógico-administrativas (reuniões, conselhos de classes, horas-atividade pedagógicas) e em atividades de formação contínua em serviço na própria escola (no coletivo) e fora dela".(Fusari, 2003, p.18).

Um dos pontos positivos em relação aos professores que passam pela Escolinha, é que todos têm uma "chama" diferente. Quando chegam lá para trabalhar, trazem consigo sua história na íntegra sem preconceitos e principalmente suas esperanças para o futuro. A maioria entrou lá para trabalhar muito jovem, sendo o primeiro emprego de muitos.

Todos chegam com muito entusiasmo, se sentem acolhidos, úteis e aceitos da maneira que são. Não tiveram que passar por nenhum crivo de critérios, não se sentiram enquadrados em um perfil. Ao contrário, sua maneira particular, especial de ser, vai agora contribuir, acrescentar e somar em uma equipe onde cada um é respeitado em sua individualidade e subjetividade.

É assim que a Escolinha acredita que o binômio ensino/aprendizagem acontece. Através das relações onde cada integrante do meio social é único, autônomo, responsável por suas atitudes e respeitado enquanto ser humano diferenciado. As relações são repletas de afeto, pois segundo Laurinda Almeida ao estudar em Wallon, "o homem como uma pessoa completa, considerada em suas relações com o meio e em seus diferentes domínios, afetivo, cognitivo e motor, pode entender melhor a importância da afetividade – aqui englobando emoções, sentimentos e paixões, em sua relação com a cognição. E reafirmar a importância do outro na formação do Eu".(Bruno, 2003, p.78).

Acreditamos na figura do professor como, juntamente com as crianças, a parte principal do processo escolar. É na relação que se estabelece entre professor e aluno que tudo ou nada pode acontecer. Para que uma relação interpessoal seja produtiva, é necessário que se tenham condições facilitadoras. "É importante que o facilitador apresente alto grau de empatia; mas para que ele seja sensível ao outro é preciso que ele o aceite como a pessoa que é;..." (Almeida apud Placco, p.79)

Na Escolinha, todas as crianças são respeitadas, ouvidas e incentivadas a se inserirem no social da maneira que são. Por sua vez, os professores também são

respeitados pela coordenação, em sua maneira de ser, pensar e agir. O professor é “livre”, responsável e é autônomo de verdade. Todos estão lá por opção e amor ao que fazem, acreditam e “vestem a camisa da escola”.

E é nessa liberdade e diversidade de personalidades que construímos nosso trabalho. A Escolinha mostra, sem muitos critérios formais, muito amor, respeito e afeto a todos que fazem parte dessa grande família. Lá acontece um ótimo trabalho educativo, comprometido com questões sócio-históricas e culturais.

Para educar, basta estar em relação, e para isto, basta estar vivo. O aprendizado é constante para todos, adultos e crianças. E acreditamos que é na diversidade que ele se faz mais presente. Desta forma, tornamos nosso pequeno espaço escolar uma pequena amostra da sociedade que existe do lado de fora.

É claro, que articulando os aspectos positivos e negativos da questão da formação dos professores de maneira geral, percebemos que ainda falta na Escolinha um maior comprometimento com a valorização acadêmica deste profissional. Sem descartar todas as qualidades citadas em nossos professores, deveríamos nos engajar em uma análise crítica-reflexiva dos aspectos que dizem respeito a sua formação buscando aprimorar o nosso compromisso com uma das questões mais urgentes da educação que é a qualificação e valorização desse profissional.

## 8. Conclusão

Desde que entramos no curso de especialização da PUC, percebemos o lado positivo da instituição em que trabalhamos. No contato com teorias, professores e colegas de profissão; nas trocas ocorridas em sala de aula, nos vimos engajadas na defesa do tipo de prática e filosofia na qual estávamos inseridas na Escolinha. Passamos a enxergar com um olhar mais crítico um trabalho que já fazíamos há alguns anos. Pudemos valorizar o que tínhamos de melhor e tentar transformar o que fosse necessário.

Quando iniciamos o trabalho monográfico e delimitamos nossa linha de trabalho, procuramos sistematizar o trabalho prático da Escolinha e buscar embasamento teórico para respaldar esta prática.

Ao iniciar o processo, percebemos a importância da opinião de todos da equipe. Não poderíamos nos limitar apenas as nossas observações e idéias. Pois acreditamos que todos os funcionários fazem parte da construção da educação que acreditamos como ideal. Queríamos fazer um trabalho que colaborasse e visasse o aprimoramento da escola como um todo.

Quando iniciamos as pesquisas na parte histórica da Escolinha, nos deparamos com o que hoje dizemos ser o nosso diferencial (artes plásticas, teatro, brincadeiras). Através destas descobertas, constatamos que esses aspectos foram à base de toda a construção filosófica e prática da Escolinha em sua origem. E vimos que a nossa organização na maneira de trabalhar hoje em dia, se dá ainda nessas bases.

Pudemos perceber que, no início, esses aspectos foram à busca pelo diferencial através do contraste que faziam com as escolas tradicionais as quais as crianças freqüentavam. Hoje em dia através de nossos estudos, constatamos que uma forma de trabalho que realmente valorize esses aspectos culturais, ainda é um diferencial. E através destas constatações, os delimitamos como especificidades da Escolinha, as quais gostaríamos de desenvolver no nosso trabalho.

Analisando o espaço físico da Escolinha, observamos que o fato dela ocupar apenas um andar facilita e propicia uma maior interação entre as crianças, e dá uma maior autonomia na escolha das atividades e brincadeiras.

Percebemos também que este espaço foi adaptado a uma prática já existente, ou seja, a valorização das artes plásticas, do teatro e das brincadeiras. Contamos com salas amplas, mesas desmontáveis, tanques e palco. Além de um pátio amplo e arejado.

Todas essas características reunidas nos ajudam no trabalho com atividades plásticas. Pois é através dele que a escola registra tudo o que faz. É através do prazer de



manusear diferentes tipos de materiais e a possibilidade de escolha, que marcamos a expressão pessoal de cada criança. Consideramos que aliado às atividades plásticas, as brincadeiras e o teatro formam diferentes formas de linguagem.

Ao iniciar o nosso trabalho nós nos reunimos com membros da equipe (professores e coordenadores) e ficou muito claro o quanto foi importante nos encontrar para discutirmos pontos fundamentais da escola, e fazer com que cada um trouxesse realmente uma contribuição e um olhar diferenciado.

Devido ao contexto de trabalho estabelecido no dia a dia, não temos a oportunidade de estar trocando informações e idéias que emergem da nossa prática. Como a metodologia estabelecida em nosso trabalho incluía o encontro da equipe para juntos buscarmos o diferencial da Escolinha, tivemos a oportunidade de perceber o valor dessas trocas. Nos encontramos algumas vezes, e foi importante para juntos estabelecermos os critérios norteadores de nossa prática. As contribuições foram bastante diferenciadas, cada um teve a oportunidade de mostrar seu olhar. Com isso, todos puderam enxergar o trabalho de todos, construindo juntos a “cara” da Escolinha.

Acreditamos que este curso nos fez acordar para muitas questões do nosso cotidiano. Estivemos envolvidas com excelentes profissionais e professores que souberam muito bem como nos orientar e buscar nosso caminho.

Temos certeza de que com esta monografia, conseguimos atingir muitos funcionários da escola que trabalhamos. Transmitimos nossas inquietações e conseguimos contagiar muitos, que hoje, junto com a gente, estão tentando melhorar o trabalho da Escolinha.

Para construção da nossa monografia, conseguimos por algumas vezes nos reunir, porém, infelizmente esses encontros nem sempre acontecem devido à dificuldade de agendamento. Com isso percebemos que devemos acordar para a importância deste fato, para que, a partir de agora todos se viabilizem e assumam o compromisso de juntos aprimorar o trabalho da instituição como um todo. Com certeza, através de reuniões de equipe poderíamos encurtar o tempo em que as mudanças para melhor ocorrem.

Agora, sabemos que o mais importante neste trabalho foi encontrar a identidade da instituição juntamente com outros da equipe. Com o material que conseguimos registrar até agora, e com alguns caminhos e direções já encontradas, poderemos continuar o trabalho e construir a Proposta Política Pedagógica da Escolinha. Este será nosso próximo desafio, e teremos o apoio de todos, com certeza.

Temos a consciência que estes encontros são os primeiros passos. E que depois de buscar em grupo a identidade da escola é que nos fortaleceremos enquanto instituição. Aí então é que poderemos voltar nosso olhar para as questões externas. Que são muitas, mas

só depois que conseguirmos definir a nossa especificidade é que estaremos fortalecidos para enfrentar novas questões.

## 9. Bibliografia

- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BRUNO, E. B. G. ; ALMEIDA, L.R. ; CHRISTOV, L. H. S. (orgs.). *O Coordenador Pedagógico e a Formação Docente*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1998.
- CAVALCANTI, Z. (coord.) *Alfabetizando*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CRAIDY, Carmen Maria e KAERCHER, Gládis (Org.). *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Por que Arte-educação?* Campinas, SP, Papyrus, 1991.
- FARIA, A L. G., PALHARES, M. S. (orgs.) *Educação Infantil Pós LDB: Rumos e Desafios. Polêmicas do nosso tempo*. Campinas, SP: Autores Associados – FE/ Unicamp; São Carlos, SP: Editora da UFSCar; Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2003.
- FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez editora, 2001.
- FREIRE, P. *Professora Sim Tia Não, cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1997.
- GARCIA, R. L. e FILHO, A L. ( orgs.) *Em defesa da Educação Infantil*, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- KRAMER, S. (coord.) *Com a Pré-escola nas mãos*. São Paulo, Editora Ática, 2002.
- KRAMER, S. *Alfabetização, leitura e escrita*. Formação de Professores em Curso. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- KRAMER, S e Leite, M. I. (Orgs.). *Infância e Produção Cultural*. Campinas. São Paulo, Papyrus, 1998.
- KRAMER, S. e LEITE, M. I. (orgs) *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

- KRAMER, S. e outros (orgs.) *Infância e Educação Infantil*. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- KRAMER, S., LEITE, M. F. , NUNES, M. F. e GUIMARÃES, D. ( orgs.) *Infância e Educação Infantil*, Campinas, SP: Papirus, 1999.
- MEYER, Ivanise Corrêa Rezende. *Brincar e Viver: projetos em educação infantil*. Rio de Janeiro, WAK, 2003.
- PAIVA, E. V. (org.) *Pesquisando a formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&a, 2003.
- POSTIC, Marcel. *O imaginário na relação pedagógica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- REGO, T. C. *Vygotsky, uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Rio de janeiro: Vozes, 1995.
- SMOLKA, A L. B. *A criança na fase inicial da escrita*. A alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- SOARES, M. *Letramento, um tema em três gêneros*. Belo horizonte: Autêntica, 2003.
- SZPIGEL, Mariza. “*Artes em classes da pré-escola*”. In: CAVALCANTE, Zélia (Org.) *Arte na sala de aula*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- VEIGA, I. P. A (org.) *Projeto Político-pedagógico da escola, uma construção possível*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- ZACCUR, E. (org.) *A Magia da Linguagem*. Rio de janeiro: DP&A: SEPE, 2001.